UM DIA SONHEI QUE SURGIA UMA COBRA

Mariana Antão

Duração 1h00m

M/12

Memória fragmentada

O Teatro Meridional agradece sinceramente à Companhia Cepa Torta o convite para integrar a IX Edição do projeto Esta noite grita-se, um projeto realizado pela companhia desde 2017 que é um espaço de celebração da palavra dita e da dramaturgia contemporânea, que ao longo dos anos tem vindo a afirmar-se como um momento singular de encontro em torno do teatro e da leitura interpretada.

Para esta participação a escolha do Teatro Meridional recaiu sobre o texto "Um dia sonhei que surgia uma cobra", de Mariana Sousa Antão, obra desenvolvida no âmbito do Laboratório de Dramaturgia do Teatro Meridional, projeto que tem vindo a realizar-se de forma continuada desde 2012, num compromisso de investigação, experimentação e criação em torno da escrita para teatro e que no ano de 2023, teve como tema "retornados".

No centro deste texto, Mariana Sousa Antão escolhida entre várias propostas de escrita sobre o tema, fez ecoar a experiência de famílias que viveram/vivem entre três mundos: o da pertença à comunidade de origem indiana, o da herança colonial em Moçambique e a realidade atual em que vivem em Portugal.

Este ano de 2025, em que se assinalam os 50 anos da independência das antigas colónias, o texto lembra-nos que a História oficial não traduziu ainda estas vidas. Há segredos guardados — de luto, de culpa, de exclusão — que atravessaram o tempo como uma cobra silenciosa, enrolada nas gerações. Neste texto, através da relação entre três mulheres da mesma família - avó, mãe (Nádia) e filha (Marta) que se movem entre lembranças fragmentadas, doces natalícios que já não sabem se pertencem "cá"

ou "lá", e o peso de um passado que não se deixa arrumar em caixas de cartão, feridas íntimas, familiares, mas também históricas, revelam o trauma coletivo que acompanhou o fim do império português. A vida "cá" é feita de ausência: casas que já não existem, parentes que ficaram para trás, a perda de uma terra que era também sua. Portugal, para estas mulheres, não representa apenas acolhimento: é também o espaço do silêncio, da solidão e do não-dito. A avó evoca a solidez da casa de outrora, a mãe revive feridas que não saram e a filha exige respostas para compreender uma herança atravessada por segredos.

Como se reconstrói uma identidade quando não há casa e a "pátria" ficou do outro lado do mar?

O texto de Mariana Sousa Antão não nos responde, mas mostra através destas vozes de mulheres, a experiência tantas vezes invisibilizada, de como a descolonização não foi apenas um processo político, mas uma experiência íntima de perda, deslocamento e fragmentação identitária. Ao dar voz a estas histórias, o texto convida-nos a reconhecer que, 50 anos depois, o passado ainda não foi arrumado. Talvez nunca seja. Mas falar dele, expor as suas feridas, é já um gesto de libertação.

Natália Luiza

Diretora artística Teatro Meridional/ Coordenação projeto e formação LAB

DIREÇÃO LEITURA Natália Luíza INTERPRETAÇÃO

Cláudia Oliveira, Diana

Palmerston, Luísa Ortigoso.

EQUIPA TM: PRODUCÃO E COMUNICAÇÃO

Susana Monteiro, Brigite Oleiro, Catarina Pereira.

DIREÇÃO ARTÍSTICA Miguel Seabra e Natália Luiza TM

Direção Artística:

Filipe Abreu e Miguel Maia

Produção:

Lara R. Santos e Raquel Rolim Batista

Pré-produção:

Beatriz Sousa

Comunicação:

Sónia Godinho

Assessoria de Imprensa:

Mafalda Simões

Fotografia:

Sónia Godinho

Design Gráfico:

Edoardo U. Trave

Registo audiovisual:

James Newitt

Classificação etária do festim M/12

Para mais informações contactar:

companhia@cepatorta.org (+351) 924 744 048

Programação completa em:

www.cepatorta.org/eng25

Créditos da imagem

© Edoardo U. Trave edoardotrave.eut@gmail.com



stanoitegrita.se



o estanoitegrita.se

Financiado por:









Apoios:



















Parceiro media:







esta noite **GRITA-SE**



UM DIA SONHEI QUE SURGIA UMA COBRA

Mariana Antão